

necessidade de prosseguir a sua mais plena assimilação é prova disso — dou conta de que o sentimento de euforia — que é um sentimento demasiado humano — deu lugar à esperança cristã, o que é coisa diferente. A experiência destes vinte anos levou-nos a redescobrir uma categoria evangélica a que tão dificilmente nos habituamos: aquilo a que os Padres sinodais chamaram «teologia da cruz». Ou, para ser mais exacto, a teologia do mistério pascal, que implica a morte e a ressurreição.

Agora sabemos, por uma experiência não apenas individual mas colectiva, vivida na nossa própria pele, que a Igreja é, por sua natureza, Igreja peregrina e que avança para a sua meta «por entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus», como disse Santo Agostinho num texto recolhido no documento fundamental do Concílio — a *Lumen gentium*.

Quer dizer que a um optimismo, porventura um tanto ingénuo e demasiado confiante na capacidade humana, sucede não o pessimismo, mas um sã realismo, marcado pelo sinal da esperança. São os Santos, por isso mesmo, mais do que ninguém, que têm nas suas mãos os fios da História. E os Santos são aqueles que activa e confiadamente se abandonam nas mãos de Deus.

É com alegria interior que vejo reafirmar, neste Sínodo, o primado de Deus e do mistério do seu Amor. E a afirmação do mistério de Deus é a única via para redescobrir o mistério do homem.

MANUEL DE ALMEIDA TRINDADE

Bispo de Aveiro

## O pensamento do Padre Joaquim Alves Correia<sup>1</sup>

### Introdução

Celebra-se este ano, no dia 5 de Maio, o centenário do nascimento do Padre Joaquim Alves Correia. De facto, foi no dia 5 de Maio de 1886 que ele nasceu, em Aguiar de Sousa, concelho de Paredes, distrito do Porto, filho de uma família de modestos lavradores.

Dele, escreveu D. António Ferreira Gomes, bispo resignatário do Porto: «É preciso que não morram no deserto as vozes que, vindas de longe, ainda encerram apelo válido para hoje e para amanhã. O P.º Joaquim Alves Correia foi uma dessas vozes, que ressoou entre nós, mas então quase como a daquele que clama no deserto (...). Como pensador profundamente humanista e como homem de fé e esperança cristã, o P.º Alves Correia foi entre nós um autêntico precursor do Concílio Vaticano II, um dos poucos, pouquíssimos pensadores cristãos portugueses que entreviram o sentido da história da Igreja e auguraram o reconhecimento individual e oficial desse sentido. Hoje, que essa antecipação e augúrio estão oficialmente aceites e abertos ao futuro, importa que as ideias ainda vivas e o grande exemplo de acção e paixão que nos deixou ajudem a realizar aquilo que anteviu e augurou, em si e nas suas consequências»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No essencial, este texto reproduz uma Conferência feita em Lisboa, em Dezembro de 1985, como preparação para as comemorações do centenário do nascimento do P.º Joaquim Alves Correia.

<sup>2</sup> Prefácio de D. António Ferreira Gomes a: Joaquim Alves Correia, *Cristianismo e Revolução*. Selecção de textos e coordenação de Anselmo Borges. Lisboa, 1977, pp. 1 e 3-4.

As citações do P.º Joaquim Alves Correia, que, por comodidade, aparecerão inseridas no corpo do próprio texto e apenas com a indicação das páginas, são tomadas desta Antologia.

O P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia é certamente a personalidade mais clarividente do catolicismo português da primeira metade do século XX.

### Sentido de uma homenagem

Homenagem implica também comemoração. Comemorar tem a ver com memória, e memória comum, colectiva. Por sua vez, memória significa ligação ao passado, mas também ao presente e ao futuro, tornando possível a própria identidade<sup>3</sup>.

Se, neste momento, perdesse/perdêssemos a memória, perderia/perderíamos a identidade. O que se passa com os indivíduos acontece com os grupos e os povos. Quando os povos perdem a memória, perdem a identidade. É pelo passado que há presente e que é possível um projecto de futuro. Sem um passado integrado, não é viável o futuro. Destruindo a memória, individual e/ou colectiva, cai-se na desagregação e no instinto de morte, na tanatolatria. Um povo é uma memória colectiva integrada num presente que inventa um futuro.

É aqui que se coloca toda problemática da hermenêutica e do chamado «círculo hermenêutico». O passado é sempre convocado e responde a um presente, que, por sua vez, é fruto do passado e está sempre aberto a um futuro. O presente só tem sentido pela dupla abertura ao passado e ao futuro. No arco do tempo, o passado, o presente e o futuro ganham consistência e compreensão, pela sua mútua interpenetração, num círculo nunca encerrado. Por isso, a história é solidariedade com os vivos e com os mortos e dos vivos e dos mortos, solidariedade com o passado, pois o nosso presente já foi o futuro do passado, e com o futuro, pois o nosso presente será o passado do futuro.

A memória é transportada por todos. Mas é representada, expressa, reconstituída pelos melhores. O P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia, cujo projecto foi converter o católico à radicalidade do cristão, é

<sup>3</sup> Jesus, na Última Ceia, disse: «Fazei isto em memória de mim». Na Eucaristia, há também esta celebração do passado, do presente e do futuro, para o reconhecimento da identidade cristã. Note-se ainda que, em alemão, lembrar-se se traduz por «sich erinnern», que significa ir mais íntima e profundamente. Aliás, já Platão se espantava com este enigma: se perguntamos, é porque não sabemos; se perguntamos, é porque já sabemos...

um dos nossos melhores. Que tenha dito o que disse, que tenha escrito o que escreveu, nos anos trinta e quarenta e antes do Vaticano II, que tenha vivido como viveu, vertical até ao exílio amargo, mas sem ódio nem rancor, constitui um pequenino milagre. Se estamos hoje a celebrar a sua memória, não é por gosto de arqueologia, mas por necessidade de reececontrarmos o melhor de nós próprios no nosso hoje, a caminho da construção do futuro, através da procura das raízes e dos fundamentos. Não é por piedade ou sentimentalismo necrológicos que nos encontramos aqui. Estamos aqui, porque, tendo descido ao essencial, o P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia encontrou o universal e assim, ainda que também ele submetido à voragem do tempo, superou o tempo, tornando-se contemporâneo. É o princípio da celebração da memória, da intemporalidade e da contemporaneidade, que implica o compromisso de vivermos no presente, aberto ao futuro novo, os valores por que o P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia se bateu até ao exílio: Fraternidade, Justiça, Igualdade, Liberdade, Tolerância, Reconciliação, Democracia, Amor Incondicional.

### O princípio do princípio

A pergunta e a resposta quanto ao que está no princípio são as mais fundamentais. Porque o princípio, não no sentido cronológico, mas metafísico fundante, determina todas as outras perguntas e respostas. A própria concepção do homem fundamenta-se na resposta à pergunta pelo que está no princípio. Também as respostas económico-políticas se baseiam nesta questão. E os homens que marcaram a história do pensamento, que a memória retém vivos, impuseram-se precisamente pela resposta dada à pergunta pelo princípio.

Por conseguinte, convencido, por um lado, de que a questão fundamental, subjacente a todas as outras, é a da resposta à pergunta pelo que está no princípio, e, por outro, de que todo o pensador digno desse nome é, portanto, guiado por uma intuição primeira que preside a todo o desenrolar do seu pensamento, a minha tarefa consistiu em procurar encontrar o princípio organizacional da arquitectura mental do P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia. Julgo que ele consiste no princípio da Comunhão Transcendente ou Transcendência Comunal: No princípio, era a Vida em Comunhão. Deste princípio, que, por um lado, destrói toda a forma de totalitarismo, e, por outro,

supera o niilismo, derivam todos os outros princípios, que se interpenetram, sendo, por isso, permutáveis: O princípio da história e do progresso; O princípio da consciência, da liberdade e da tolerância; O princípio da memória da Eternidade e da condenação das absolutizações históricas; O princípio dos direitos divinos do homem e da subversão não-violenta do Espírito; O princípio da assimilação do Espírito, do face a face dialógico no Tu eterno, que é um Nós, e da reconciliação; O princípio do sim absoluto da esperança e da anulação da morte, pela intercomunhão das consciências na Transconsciência comunal divina.

### O princípio da comunhão transcente ou transcendência comunal

Qualquer sociedade vive ao nível dos seus símbolos, da sua simbólica, das suas representações. Não é possível nenhum projecto histórico coerente e autenticamente humano, sem a afirmação da Transcendência. Se hoje vivemos numa crise de sociedade e de cultura, essa crise deriva, em última instância, da negação da Transcendência ou da sua redução à pura imanência. Ora, sem o princípio da Transcendência, é o reino do totalitarismo ou do niilismo.

Se a Razão é plenamente imanente à História, isto é, se a História contém em si o princípio de solução do seu enigma, é porque se parte do princípio de que o Universo e a História são a totalidade, do ser. Ora, se a totalidade do ser se confunde com o Universo e a História, a Verdade é imanente e cognoscível na sua totalidade. Quem detiver a Verdade, que é total e única, deverá logicamente impô-la, mesmo pela força, se e quando obtiver o Poder. Se a Verdade é única e completamente dada no tempo, quem estiver fora da Verdade única e total comete o crime de lesa-Razão ou é louco. É o princípio do totalitarismo, do crime lógico, da Inquisição, dos hospitais psiquiátricos, do Goulag.

Mas também pode acontecer que se elimine pura e simplesmente a questão do princípio. Numa época a-metafísica, dir-se-á que ela é uma questão sem interesse, que não tem lugar na arquitectura da concepção do mundo e da história. Tudo é reduzido a sistemas, a estruturas, a funções. A questão do princípio, isto é, do ser, é eliminada. Apenas interessará o «como funciona». Expressando talvez a sociedade da abundância, com a sua ideologia tecnocrática certa *intelligentia* europeia veio proclamar o antihumanismo.

Louis Althusser, com o seu neo-marxismo estruturalista, Lacan, com o seu neo-freudismo, Claude Lévi-Strauss e Michel Foucault, com o estruturalismo, G. Deleuze, e F. Guattari, reduzindo o homem a uma máquina imensa de desejo, passaram a certidão de óbito ao homem e convergem no anúncio da sua dissolução. Michel Foucault, no final de *As Palavras e as Coisas*, descreve a agonia entrópica do homem. Claude Lévi-Strauss termina assim o seu *L'Homme Nu*: «Demonstrando a composição e ordenação rigorosa dos mitos e conferindo-lhes assim a existência de objectos, a minha análise faz, portanto, ressaltar o carácter mítico dos objectos: o universo, a natureza, o homem, que, ao longo de milhares, de milhões, de milhares de milhões de anos, em última análise, nada mais fizeram senão, à maneira dum vasto sistema mitológico, manifestar os recursos da sua combinatória, antes de entrarem num processo de involução e se aniquilarem na evidência da sua caducidade. (...) ao homem incumbe viver e lutar, pensar e crer, sobretudo conservar a coragem, sem que nunca o abandone a certeza adversa de que outrora não estava presente e de que não estará sempre presente sobre a terra, e de que, com o seu desaparecimento inelutável da superfície dum planeta, também ele votado à morte, os seus trabalhos, os seus sofrimentos, as suas alegrias, as suas esperanças e as suas obras se tornarão como se não tivessem existido, não havendo então nenhuma consciência para ao menos preservar a lembrança desses movimentos efémeros, excepto, através de alguns traços rapidamente apagados dum mundo agora de rosto impassível, a verificação anulada de que existiram, isto é, nada». Para Louis Althusser, com a sua gramatologia marxista, a história não passa dum imenso processo sem sujeito: «A história é um processo, e um *Processo sem sujeito*. A questão de saber como é que 'o homem faz a história' desaparece completamente; a teoria marxista mostra de modo definitivo qual é o seu lugar de nascimento: a ideologia burguesa»<sup>4</sup>. Todos estes Autores tomaram o partido do «antihumanismo», fundado na ideia de que a autonomia do sujeito é uma ilusão e de que a vontade humana é, em última instância, regida a partir do exterior, quer este exterior seja pensado como libido, como instinto ou como infraestrutura<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Para estas citações, Cf. Anselmo Borges, *Discurso sobre Deus e transformação da ordem simbólica social*, em *Igreja e Missão* 86-87 (1977) 167-200.

<sup>5</sup> Cf. Luc Ferry e Alain Renaut, *La Pensée* 68. *Essai sur l'anti-humanisme contemporain*, Paris 1985.

Na sociedade hiper-racional e hiper-tecnicizada, são os meios que detêm o primado e a hegemonia. Comentando, escreve Jacques Ellul: em última análise, também «o objecto não existe. Exactamente como o sujeito. A clara distinção tradicional desaparece. Em proveito de quê? Dos processos de intervenção, das estruturas de funcionamento. (...) o estruturalismo não é um pensamento criador, mas o simples produto do primado dos meios. Como é que «isso» funciona? Mas isto é exclusivamente a Técnica. É o universo dominado pelo tecnicismo. Ora, o que é interessante, nesta concepção filosófica, é que ela revela que, para dar lugar livre, jogo livre à actividade superordenada dos meios (técnicos), é necessário que o sujeito não exista (o sujeito apenas tem que obedecer aos meios), mas também é necessário que o objecto não exista (o objecto não passa dum produto sem importância do jogo das técnicas). É exactamente o que formula esta filosofia. Assim, chegamos à conclusão decisiva de que o nosso universo não é um universo de objectos, que não há um sistema dos objectos, mas um universo dos meios e um sistema técnico»<sup>6</sup>.

É o túmulo do humanismo que é cavado perante os nossos olhos. Mas, depois da morte do homem como sujeito, o que é que resta, no meio do imenso deserto árido e desolador, senão a indiferença, o vazio, o nada? É o princípio do niilismo e da omnipresença do mito de Silene: A maior felicidade para o homem é não ter nascido... e, depois, a maior felicidade é morrer imediatamente.

Na metafísica ocidental, o ser foi pensado enquanto, originária e/ou escatologicamente, mesmidade. Ora, o mesmo não comunica. No mesmo, não há comunicação. A comunicação exige o outro, o diferente. O mesmo, enquanto in-diferente, significa a morte. Aqui, radicam razões essenciais do totalitarismo e do niilismo, que encontraram a sua expressão no nazismo, no fascismo, no comunismo e em toda a espécie de imperialismo.

Também por isso, a metafísica entrou em crise, talvez insuperável. Toda a questão reside em saber se não será mediante uma meta-antropologia que a ontologia há-de ser recuperada. Hoje sabemos que a experiência primeira não é a do «Eu sou», mas a do «Tu és». O encontro primeiro da criança é o rosto e o sorriso acolhedor da mãe. Através da experiência primeira do «Tu és», vai emergindo a experiência do «Eu sou» e do «Nós somos» face ao «isso é». Por

consequente, *nem a antiga substância nem o sujeito moderno representam a realidade última, pois só a relação é a categoria originária do real*»<sup>7</sup>. Então, o homem não é o senhor nem o conquistador do ser, mediante o pensamento e a acção manipuladores, mas, muito mais, «o pastor do Ser» (Martin Heidegger), o chamado pelo Ser, pelo mistério, pelo sagrado, pelo outro, que chega. O ser é ser-em-relação. «'Ser' e 'ser-em-relação' identificam-se, escreve John D. Zizioulas<sup>8</sup>. Identidade e relação não se opõem nem se excluem; pelo contrário, autonomia e relação ao outro implicam-se.

Mas, se *eu não sou sem o tu és, no nós somos*, há também a experiência da morte ineliminável, concretamente do tu amado que tudo põe em questão. Há, porém, igualmente a esperança da salvação: «também para lá da morte podemos *esperar* que o «nós somos» não seja inteiramente destruído, graças a um *amor que permanece fiel* a ti (e a mim), também depois de mortos»<sup>9</sup>. Esta esperança é fundada? «A *salvação* não seria possível, a não ser que o «isso é» *escondesse em si*, 'por detrás de si' como seu *fundamento*, um *ser pessoal*, um tu és, que seria o Tu És absoluto — Aquele em quem ser e Tu coincidiriam. Será tarefa da teologia natural pôr e resolver esta questão, sem a qual a metafísica não seria ela mesma<sup>10</sup>.

A grandeza do Cristianismo consiste precisamente em ser, no tempo, Memória da Transcendência de Deus. Mas o Deus cristão não é simples Acto Puro dos filósofos, Motor Imóvel, chave de abóbada do Universo, não é um Solitário nem Solipsista. O Deus cristão não é centro imóvel, o ser pleno e totalitário, simples projecção das nossas falhas, criação da nossa insegurança à procura de segurança num mundo imaginário, incestuoso, fusional, justamente criticado por Nietzsche, Sartre, a psicanálise, etc., porque anularia a liberdade do homem e justificaria toda a forma de totalitarismo e imperialismo. O Deus cristão é Vida, Comunhão trinitária, Intersubjectividade relacional, em que as Pessoas são as próprias Relações subsistentes. O Outro transcendente, uno e trinitário, põe o mundo por pura liberalidade, isto é, *ex nihilo*, para poder comunicar-se ao homem em liberdade. «Isto significa que *em Deus e entre as pessoas divinas, não apesar, mas precisamente por causa da sua unidade infi-*

<sup>7</sup> Walter Kasper, *Il Dio di Gesù Cristo*, Brescia, 1984, p. 387.

<sup>8</sup> *La Verdad como Comunión*, em *Selecciones de Teología*, Julho-Setembro de 1979, p. 258.

<sup>9</sup> Peter Henrici, *Introduzione alla Metafisica*, Roma, 1982, p. 152.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 154.

<sup>6</sup> Jacques Ellul, *Le système technicien*, Paris, 1977, p. 55.

nitamente maior, se dá também uma interrelacionalidade e interpersonalidade infinitamente maiores do que as que se encontraram na relação interpessoal entre os homens»<sup>11</sup>.

Ouçamos o Padre Joaquim Alves Correia:

«Deus uno e simplicíssimo é também uma Sociedade bem-aventurada; é uma Família inefável em êxtase perene de mútua ternura. Deus conhece-se, tem consciência da plenitude do Seu Ser, do Seu Bem. Este conhecimento é uma geração: a imagem, o conhecimento íntimo de Si mesmo, é o *Logos* pessoal, a Ideia de Deus, o Verbo de Deus, o Filho. (...) O Pai e o Filho amam-se com um amor sem princípio, sem fim e sem medida: desde a geração do Verbo, que é eterna, existe o Amor mútuo. Pois este mútuo Amor, esta mútua aspiração, também não é o Pai, também não é o Filho, se bem que vivendo a Vida Infinita do Pai e do Filho, se bem que comungando o Ser do Pai e do Filho. Esta mútua espiração, que procede do Pai amando o Filho e do Filho amando o Pai, também é uma pessoa distinta do Filho e distinta do Pai: é o Espírito do Filho, é o Espírito do Pai. É esta o Espírito Santo. (...) O Amor penetra todo o Infinito Ser, confunde-se com Ele na mais íntima Unidade; mas é ao mesmo tempo mais perfeitamente pessoal do que nos é dado conceber e afirmar, como o Pai e como o Filho, em Quem vive, como Eles vivem nEle, numa Família e numa intimidade, de que só a Bondade Infinita é capaz. (...) Os Filósofos também falaram de Deus e também nos descreveram uma trindade. Mas a trindade que eles descreveram não é a da Vida íntima do «Uno»; é, ao lado do *Uno*, Fonte primacial da Vida, uma cosmogonia. E se na filosofia da Índia se transformou em *teogonia*, não é senão porque o budismo não tem Deus diferente do Universo: Eu sou, diz-nos cavernosamente o Deus de Buda, eu sou o total de todas as coisas: fora de mim, nada mais existe! (...) Vê-se por esta síntese das vistas de Plotino e da renascença platoniana do III século que elas são tão diferentes das que nos deu o Evangelista S. João acerca do Pai, do *Logos* Divino e do Espírito de ambos, como da moderna Ortodoxia Católica a filosofia germânica da Imanência, como de Monsabré difere Hegel, ou Fichte ou Schelling. (...) No círculo inefável que descreve, na intimidade de Deus, a torrente infinita da Vida, o Espírito Santo é o Vínculo, é o Abraço. Procede do Pai e do Filho, é o Amor mútuo que os une. Pois esse circuito vai reproduzir-se nas relações de Deus

com o Mundo criado, com o Universo saído das ordens ou da palavra de Deus: *Dixit et facta sunt... Mandavit et creata sunt* (Sl. 148) (...) Entretanto falta ainda na terra a imitação do circuito da Vida que há em Deus: 'Façamos o homem, diz o Senhor, à nossa imagem e semelhança' (Gén. 1, 26). Corpo animado por uma alma espiritual, poderá nesse *microcosmos*, nesse universo em miniatura, o mundo tomar consciência de si mesmo, comprazer-se na bondade e beleza que o Criador lhe deu, e até glorificar e amar o Criador. (...) Mas o plano do Criador não se contentou com uma reprodução fora de Si do círculo da Vida que há em Si. O círculo fechará mais perfeitamente. O movimento criador irá terminar outra vez no seio infinito do Criador. O abraço estendido à Terra irá estreitar-se da terra em Deus. A Natureza não ficará apenas obra de Deus: pelo amor perfeito, mergulhará outra vez em Deus, como o Filho no Pai, pelo abraço enternecido do Espírito, pelo perfeito, maravilhoso, sobrenatural amor. É no sobrenatural que vamos entrar agora; porque o sobrenatural não foi um acréscimo eventual: foi o plano inicial e definitivo do Divino Amor Criante. 'Por tal forma amou Deus o mundo que lhe deu o Seu Unigénito Filho' (Jo. 3, 16). O Filho de Deus fez-se Filho do homem, desposou a natureza humana, fez-se nosso irmão, um de nós! (...) Pela Encarnação e consequente Deificação dos homens que a aceitaram, o Universo voltou a Deus, amou-O com amor digno de Deus; pelo amor do homem fechou outra vez em Deus o ciclo da Vida, como já intimamente o fechara, no Seio da Trindade, o mesmo Amor agora dado ao homem: o Espírito Santo» (pp. 19-34).

Portanto, para o P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia, a realidade última é a Transcendência-imanência comunal ou Comunhão transcendente-imanente. A criação, enquanto condição de possibilidade da autocomunicação livre e gratuita de Deus ao homem, é o início da história da salvação.

### O princípio da história e do progresso

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem um mínimo de discurso coerente sobre o sentido da vida, da história e da morte. A grande questão é realmente a questão do princípio, pois ela tudo determina. Ao afirmar a Transcendência do Deus único e criador de todas as coisas, o judeo-cristianismo permite e funda a história, a

<sup>11</sup> Walter Kasper, *Dio di Gesù*, pp. 386-387.

autonomia, a liberdade, o progresso, o sentido, Nenhuma tradição fora da tradição judeo-cristã pressupõe a criação *ex nihilo*. Todas as outras tradições identificam de algum modo Deus e o Mundo. Ora, se o Mundo é Deus, não há autonomia do mundo nem é possível a história como realização autónoma do homem.

«No princípio, Deus criou» (Bereshit Bara Elohim). Deus, Aquele que é por Si mesmo, põe na existência todos os seres contingentes, isto é, que existem sem ser por si. Mas «Deus viu que tudo era bom». O mundo não é Deus; por isso, tem autonomia. Deus cria e faz um juízo sobre a criação: «e viu que tudo era bom». E deu ao homem autoridade sobre todas as coisas: «Enchei a terra e dominai-a». O homem, autónomo, é con-criador. E é livre, pois pode dizer não a Deus. A tradição judeo-cristã funda a história, põe a liberdade, permite o progresso. Se o Ocidente é uma história de progresso, não se pode esquecer que o seu fundamento está no sistema de representação do mundo posto em marcha pelo judeo-cristianismo. É certo que a cultura grega faz emergir a história, no projecto de Heródoto de Halicarnasso: «Eis a exposição da investigação empreendida por Heródoto de Halicarnasso para impedir que as acções empreendidas pelos homens não se apaguem no tempo...», mas o tempo grego é ainda circular, cíclico. É na tradição judeo-cristã que o tempo se torna linear, ascendente, orientado para a salvação. Há uma concepção de optimismo, subjacente à concepção judeo-cristã da história. Ela é desfatalizada, tem sentido. Porque Deus é Comunhão Trinitária, pela Encarnação, Deus diz sim ao mundo, ao homem, à história, e, pelo Espírito, condu-los, através do tempo, para a Eternidade de Intercomunhão,

### O princípio da consciência, da liberdade e da tolerância

Se Deus é transcendente, a verdade última da história não se revela no tempo, mas para além do tempo, ainda que já presente também no tempo. Nenhum homem, nenhum grupo, nenhuma Igreja podem considerar-se donos absolutos e exclusivos da Verdade. O Reino de Deus está no tempo, pela Encarnação; opera no tempo, pelo Espírito, que é o Amor do Pai e do Filho, mas ultrapassa o tempo: «O meu Reino não é deste mundo».

Diz o P. Joaquim Alves Correia: «Se há católico que prescindia do Espírito, é católico só de etiqueta e de nome, pois católico de

verdade é adepto do Cristianismo Universal e, sem Espírito Santo, não há Cristianismo nenhum» (p. 17). Ora, o Espírito é Espírito de liberdade e de amor: sopra onde quer.

Assim, o P.º Joaquim Alves Correia é o defensor intransigente da Consciência, da Liberdade, da Tolerância. «A tolerância não é nenhuma virtude nova, suspeita, infecta de liberalismo revoltado; é um dos aspectos da virtude fundamental do Cristianismo: é a paciência da *caridade*. (...) Há uma certa ostentação de intolerância, de *fanfarronada reaccionária* de gente boa, que faz mal à causa sagrada do Rei de Amor, ainda quando é só aparente e esconde o melhor e mais inofensivo coração. Ser intolerante não é cristão: fingirmos, por bravata, que o somos, é escandalizar os outros. (...) 'O erro não tem direitos', vir-nos-á objectar alguém, tomando a intolerância como tese... Pois não tem. E não os tem por uma razão bastante peremptória: o Erro... não é ninguém. Erro é apenas a ausência, a carência de verdade. Mas, se não tem direito o erro, têm-nos as pessoas que estão em erro» (pp. 52-53). «O 'morra' selvagem dos sectários, por mais tradicionalmente português que seja, não pode ser grito de guerra cristão» (p. 54). «Se não há salvação sem disciplina, se a não pode haver sem ordem e sem autoridade, muito menos a pode haver sem... a própria essência de salvação, sem amor, sem sinceridade; na hipocrisia ou no constrangimento. A consciência é condição *sine qua non* da salvação, porque só nela pode viver, amor e liberdade. (...) Se um inquisidor, canonizado ou não, pregou algum dia a tortura ou o auto-de-fé como processo de forçar glória a Deus, certamente que se enganou e enganou aqueles a quem ensinou a crer na brutalidade, a '*confiar no ferro*' »(pp. 75-76). «Há muita gente com o carimbo muito vincado de catolicismo, da que exhibe, até, com arrogância que mais pareceria de sectário, a sua filiação no organismo da Igreja, mas que não perde ocasião de rebater o espírito do Evangelho, que chama parvoíce à fraternidade, que vê uma traição na lealdade para com os adversários, sejam eles quais forem, e que nas hostes visíveis da Igreja quer ver uma solidariedade tão cega que negue cinicamente o mal e os defeitos, ainda os mais evidentes, dos chamados «nossos», na vida social contemporânea e na História. Pois essa nefasta solidariedade de *partido*, no Reino de Deus, é nada menos que uma traição. O fariseísmo não era só mal por ser da Sinagoga. É até um mal maior, porque é profanação e sacrilégio contra o espírito do Evangelho, quando grassa entre ortodoxos teóricos da Lei Nova. Os que odeiam, os que intolerantemente

caluniam, os que orgulhosamente insultam, num tempo em que já não é dos costumes perseguir com mais clara violência os heterodoxos e os descrentes, renegam na prática o mandamento básico de Cristo: — Amaí até os que vos odeiam; sede filhos do vosso Pai Celeste, que manda o seu sol e a sua chuva ao campo do pecador, como ao do justo. *Vencei o mal pelo bem* (Mt. 5, 44-46; Rom. 12, 21). Não é *nosso*, senão por um vínculo externo, por arregimentação arbitrária ou de acaso, aquele que, por ser mau, está sempre pronto a julgar mal, aquele que *a priori* se nega a admitir boa fé nos de fora, que lhes chama hipócritas, se os vê, idealistas e abnegados, darem o corpo às balas pelos deserdados e pelos humildes, sacrificarem dinheiro e sossego a uma ideia por que Jesus também se bateu». (pp. 46-47).

Por isso, a ortodoxia tem de ser vivida na ortopraxia. Porque Cristo permanece nos seus pelo «Espírito». «Para que é que o Senhor teria insistido em *'não apagar a mecha que fumeja'* e o nosso fátuo orgulho de senhores da Verdade absoluta, incapazes de compreender os outros, se obstinará em esmagá-los debaixo do nosso agressivo desdém?! Em quantos idealistas, em quantos revolucionários até, há ideias generosas, centelhas de amor cristão, que se poderiam acender em fogueiras depuradoras de conversão, se os desprezadores de publicanos não calcassem, com frieza farisaica, as cinzas envolventes! É preciso não ter olhos, para não constatar que, em muitos adversários ardentes e impetuosos da Igreja Católica, há crença e até paixão do ideal evangélico. Muitos revoltam-se contra a Igreja, porque a confundem com os católicos materialistas e com certos ministros burgueses e burocráticos da Organização católica. (...) Avisou-nos Cristo de que virão muitos do Oriente e do Ocidente e se assentarão no Reino de Deus, com Abraão, Isaac e Jacob, enquanto os *filhos do Reino* serão lançados fora. Nós bem sabemos que, para haver salvação, é preciso ser da Igreja; mas também sabemos, também sabem todos os teólogos, que há muitos que são da Igreja sem o parecerem, da mesma forma que muitos outros o parecem ser e o não são. (...) «*Os nossos*», no Reino de Deus e do Seu Cristo, pela divina graça, são todos os sinceros, bons e leais, ainda que andem perdidos e desvairados sem culpa nem obstinação nas brumas de confusas ideologias, ainda que desconfiados da Igreja oficial e do clero, ainda que seduzidos pelas miragens da heresia e da revolta. Adversários de verdade, só o são para Cristo os egoístas, os sensuais por princípio, cínicos ou hipócritas, e todos os que conscientemente se

combinam com a mentira: pertençam a que seita pertencerem, sejam até, se quiserem, católicos de rotina ou de partido. E na atmosfera salubre da lealdade, todos nos entenderemos, numa tolerância que não atenuará em nada a intransigência das nossas convicções, até que o erro se dissipe, até que os mal-entendidos se desfaçam, até que possa, enfim, talvez ainda na terra, haver um só redil e um só visível pastor» (pp. 47-49).

Daí a denúncia cáustica do fariseísmo na Igreja, dum catolicismo de fachada, reduzido muitas vezes a «paradas», a uma floresta de fórmulas exteriores e de ritos mágicos. «Foi decerto permissão calculada da Providência paternal de Deus que houvesse entre os cristãos o grande mal dos erros e cismas. ('Importa', disse Paulo Apóstolo, 'que haja heresias'!) Não fosse a disciplina apertada — que é necessária na Igreja — tolher a explosão do protesto diante daqueles que se contentam com a ortodoxia e rigidez das fórmulas e com a exactidão formalista das práticas, deixando morrer o 'fermento' do Espírito» (p. 38). Daí a violência contra uma Igreja espureamente aliada ao Poder e inquisitorial. «O que aconteceu com a organização judaica havia de acontecer com todas as outras organizações de homens, que aderiram ao Cristianismo: este havia de ser convidado também a aderir aos interesses organizados delas, servir-lhes de instrumento! Se não fosse a vigilância e a intransigência do espírito cristão, quantas vezes o Cristianismo se teria deformado e pervertido para realizar propósitos antagónicos com a própria essência! Por isso o *inconformismo*, por mais incómodo e antipático que às vezes tenha de ser, é tão providencial como a docilidade e a fé. Essa atitude — de objecção em consciência — tem muita vez sido exprimida com insolência e agressivamente; tem sido cismática ou separatista; tem sido negativista e herética; mas, por mais lamentáveis e condenáveis que sejam seus defeitos e excessos, para a preservação do *fermento* cristão ela é necessária e providencial. Foi ela o contraveneno indispensável, que resguardou da simulação e da hipocrisia, quando, baptizado o Poder político com a conversão do César Constantino, começou a parecer útil e rendoso o ser cristão, ao menos por fora... Era muito natural, entretanto, que o Império neocristão achasse inconveniente — politicamente falando — a liberdade da consciência cristã, a independência espiritual. Principiou a esboçar-se a ideia de que não ter a fé da Nação era fomentar desunião social. Daí até à violência religiosa, até à pretensão monstruosa de impor o Espírito Santo à valentona, ia apenas um ápice» (pp. 58-59). Ora

«amor e violência excluem-se mais do que círculo e quadrado!» (p. 51).

### O princípio da memória da eternidade e da condenação das absolutizações históricas

A pretensão de realizar totalmente o Reino de Deus no tempo, sob forma religiosa ou secular, é uma tentação sempre presente. O augustinismo político, distinguindo embora sociedade civil e sociedade religiosa, de tal maneira subordinava as realidades temporais à finalidade do Reino, que retirava à sociedade civil a sua autonomia. Mas também acontece que a sociedade civil quer, por vezes, interpretar-se como escatologia secular. Nas duas perspectivas, cai-se no teológico-político e a Transcendência do Reino de Deus é anulada.

Ora, o Cristianismo é, por essência, antiteocrático. «O meu Reino não é deste mundo». «Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus». César não é Deus. Deus não é César. A Ressurreição de Cristo é a salvação do tempo, mas realiza-se plenamente para além do tempo. Na lógica do Cristianismo, impõe-se, pois, a laicidade do profano, do político. Deus não é garante nem da revolução nem do *status quo*. As realidades temporais seguem as suas próprias leis, são autónomas. O contrário seria *coisificar* a Transcendência, reduzi-la ao provisório do tempo. Deus, porque é Comunhão Transcendente, é uma questão aberta, livre, pois é gratuito. Situa-se ao nível da Pessoa, da Comunhão, do Amor, que não se compra nem se vende nem serve para nada no âmbito da eficácia técnica. Deus não se demonstra, portanto, pela razão pura. É o princípio do não-racionalismo. Como a pessoa também se não demonstra. Está presente, oferece-se como dom de intercomunhão, e é no próprio acto de intercomunicação, no próprio acto de oferta e aceitação gratuitas que é reconhecido. É o respeito (do latim *respicere* — em alemão, *Rücksicht* —, que tem a ver com o olhar mútuo, confiante e acolhedor) perante o outro enquanto mistério que chega.

Mas a sociedade civil, para sobreviver enquanto tal, enquanto sociedade livre, exige a permissão de formas institucionais livres e responsáveis pelo anúncio do discurso religioso, isto é, referente ao sentido último da vida e da morte. Sem Igrejas responsáveis pela Memória da Transcendência e da Eternidade no tempo, a sociedade civil entra no niilismo ou converte-se em escatologia secular. O drama das sociedades liberais consiste em que, tendo a burguesia perdido

as suas raízes religiosas, já não sabem onde fundamentar os valores. Esqueceram que, afinal, autonomia e relação se implicam. Por isso, nelas, em última análise, tudo se equivale. Assim, se a ideologia marxista continua a exercer o seu fascínio, não é simplesmente, nem talvez sequer em primeiro lugar, pelas suas exigências de justiça, mas fundamentalmente porque o marxismo, transformando-se em religião messiânica de escatologia secular, se apresenta como portador de sentido englobante, dum discurso coerente sobre a totalidade do real. O mundo ocidental, sem o horizonte da Transcendência e, conseqüentemente, sob a ameaça do reflexo de Silene, deixou-se, compreensivelmente, invadir pelo marxismo, que é um cristianismo de salvação reduzida à História.

Portanto, o Cristianismo permite e exige a laicidade. Por outro lado, enquanto Memória do Eterno no tempo, é vivido nos e dá sentido aos projectos humanos na história. Mas denuncia qualquer absolutização no tempo. A essência cristã de memória da Transcendência Comunal é a negação de todas as pretensões de absolutizar as realizações históricas. A vontade de instaurar totalmente o Reino de Deus na terra leva, mediante uma lógica inexorável, à Inquisição, ao maquiavelismo, à anulação da pessoa e dos direitos inalienáveis da Consciência. «O que definitivamente ganham todos os inquisidores é a corrupção, pelo interior, da Sociedade Cristã, pelo medrar lento e progressivo da dissimulação e da impostura. O próprio S. Tomás, vencido pelo ambiente político do seu tempo, quis explicar pelo bem público a queima dos hereges: que eles viciavam a Sociedade com o erro e que eram, portanto, mais perigosos que os bandidos que falsificavam a moeda! O pior era que, para apagar o fogo da dissensão sincera, se ateava o 'fermento dos fariseus', que é a hipocrisia, forçados todos a fingir que concordavam. E, depois, S. Tomás era, sem dar por isso, antecipado discípulo de Maquiavel, se entendia que, por amor da concordância, se podia suprimir o direito da consciência errónea, de pessoas que tinham o *dever* de seguirem os ditames conscienciais» (p. 66).

O Cristianismo põe em marcha uma dinâmica democrática, pluralista. «Enganar-se-iam os espíritos generosamente *liberais*, se vissem nestas páginas um cálculo miserável de captação, de compromisso interessado. Terrenamente, na política pura e temporal, o Cristianismo não tem interesses. Negociações fundadas na astúcia, na diplomacia, na dissimulação, poderiam conseguir para a Igreja uma *situação*; mas, pelo facto de se fundarem na astúcia, já teriam

comprometido o interesse autêntico e fundamental do Reino de Deus, a Verdade, e também o amor, que é livre e sincero por essência. Nós, os cristãos, temos de ser os campeões do direito da consciência alheia e da nossa e do amor ao povo oprimido e espezinhado, não porque é do nosso tempo a Democracia, mas porque era ser hipócrita ter o Evangelho por bandeira e acamaradar com os tiranos, com o egoísmo, com o orgulho! (pp. 38-39).

A pátria do Reino de Deus e da Verdade fica sempre para além das suas expressões e realizações no tempo. Mesmo a Igreja não se identifica com o Reino de Deus. Por isso, com a veemência com que denuncia o maquiavelismo da ortodoxia político-religiosa, a consciência cristã insurge-se contra todas as formas idolátricas do Reino de Deus: o colonialismo, o racismo, o fascismo, o nazismo, a ditadura do proletariado e ou do capital, os nacionalismos exacerbados... «Os teóricos do Racismo querem raças puras: raça de absolutos senhores, que é a deles, raça de absolutos escravos, as dos outros. Os teóricos do Cristianismo só admitem uma pureza, a da liberdade de todos os homens, por vocação filhos de Deus» (p. 161). «Não! O Catolicismo não é nem será nunca o escudo dos idólatras da Nação divinizada, do Estado-Moloch. (...) O Nacionalismo nietzchiano, que se chame *Action Française*, que se levante em Itália com o nome de *Fascismo*, que seja na Rússia *Ditadura do Proletariado*, ou *Hitlerismo* na Alemanha, é a manifestação flagrante do Anticristo poliformo; mas é muito mais odioso, muito mais sacrílego, porque é uma blasfêmia contra o Filho de Deus, quando não ignora a Cristo, mas antes quer sujeitá-lo à função de seu escravo, forçando-o a emprestar-lhe, para a opressão dos povos, a Religião de amor que o Filho de Deus veio trazer à terra, feito filho do homem, para a ventura e liberdade dos homens seus irmãos» (pp. 152-153).

#### O princípio dos direitos divinos do homem e da subversão não-violenta do espírito

O princípio da Comunhão Transcendente e do Filho que se fez homem, tornando todos os homens filhos de Deus, funda, de modo radical, a dignidade inviolável da pessoa humana, que tem, por conseguinte, direitos divinos. O Cristianismo dessacraliza as coisas e as instituições, declarando divinas apenas as pessoas. Quando Cristo disse: «O homem não foi feito para o sábado, mas o sábado

para o homem», lançou no mundo a mais insólita explosão subversiva. «O respeito pela pessoa humana, pela liberdade do indivíduo e da consciência, enquanto esta não se torne agressiva e não conflita com outras liberdades e outras consciências ... enquanto não for a liberdade de violência ... é um respeito tão sagrado com o respeito por Deus, Pai de todos os homens. Este respeito pode ser embaraçoso para os organizadores da sociedade. Podia ser mais *prático* passar por cima dele, suprimir o direito de expressão das consciências individuais, eliminar, por simples suspeita, por uma indicação sumária, sem julgamento, os possíveis suspeitos da sociedade, os indesejáveis. É mais *prático*, sem dúvida alguma, o maquiavelismo do que a justiça social. Se há verdade religiosa que o cristão não pode pôr em dúvida é que nós somos todos irmãos; e se há um princípio moral diante do qual a consciência cristã não pode tergiversar é que nos devemos amar uns aos outros. Se há postulados, em dogma cristão e em moral cristã, são estes dois. Não há herege tão ousado que se atreva a negá-los. Ao menos neste ponto estão de acordo todos os credos evangélicos da terra: católicos, cismáticos, protestantes, modernistas, cristãos-racionalistas, tolstoianos...» (89-90).

O Deus cristão não serve de instrumento ou de bandeira nem para a revolução nem para a manutenção do *status quo*. «A Igreja (que não pretende missão diferente da de Jesus) não tem competência nem graça de estado para a organização do interesse temporal» (p. 140). Temos então um Cristianismo indiferente perante as injustiças e as tarefas de libertação humana? «Se o Cristianismo não é propriamente uma *revolução*, é tão sincero e franco como as revoluções. Não as serve porque lhe repugna a violência. Mas é mais: é o fermento, o indomável Espírito, o vinho novo que faz com o tempo rebentar odres velhos; que poderá levar séculos a satisfazer a Consciência humana e a sua sede imanente de superação, mas levedará por fim toda a massa» (p. 112). O Cristianismo é a violência não-violenta do Espírito. «As grandes correntes de ideias que, desde o século XIX — o 'stupidité XIX<sup>e</sup> siècle', que tanto arrelia os realistas da brutalidade —, tomaram corpo em instituições humanitárias, antiescravistas, protectoras da Infância, protectoras da Mulher, são correntes fundamentalmente cristãs» (p. 112). O próprio marxismo não é compreensível fora da tradição cristã. Simplesmente o marxismo quis impor por decreto e pela força o que o Cristianismo quer atingir pela subversão do Espírito e das consciências. «A única vantagem, que a lógica infernal de Lenine leva aos seus antípodas do

capitalismo pagão moderno, é o não ser hipócrita, não se proclamar 'amigo do povo', mas atacar abertamente todo o respeito pela consciência, pelo indivíduo, declarar guerra ao Ideal, impor a necessidade gregária de se coligar cegamente para vencer, sob o jugo de uma disciplina bruta. Da consciência humana, o capitalismo ri-se para dentro, fingindo respeitá-la; o bolchevismo ataca-a, como um... 'ópio do povo', semelhante à Religião» (p. 157).

O P.<sup>o</sup> Joaquim Alves Correia tem uma fé inabalável na força incontível do Espírito, que «há-de arrebentar todos os odres, por mais coriáceos e blindados que os forgem» (pp. 133-134). «A natureza é mãe das desigualdades; acima da natureza está o espírito, igualizador. A civilização, o humanismo e sobretudo a Graça divina — a adopção de filhos de Deus — é a guerra à brutalidade descarável da Natureza, em que o forte elimina o fraco na luta animal da vida» (p. 103). Mas não nos enganemos. «O espírito que se colhe do Evangelho (...) é de mansidão, condena a truculência e a imposição pela força bruta, a dominação e a estupidez que esmaga, mas não é para fomentar a indolência nem a moleza» (p. 85). Por isso, não se cala. «Se um dia (que esperamos não virá nunca), Portugal se lembrasse de que o subsídio pecuniário oficial, concedido aos seus missionários, os deveria convidar a serem cães mudos perante os abusos de autoridade dos seus oficiais ou a cupidez violenta dos seus roceiros, teria corrompido os seus apóstolos, teria inutilizado um longo e custoso sacrifício. Se exigissem um dia ao missionário que abafasse no preto a consciência da sua dignidade e da sua liberdade, para o tornar mais governável, profanariam o missionário, tentariam reduzi-lo ao papel de opiador de almas» (p. 161). «Ai de nós, se, pelo silêncio conformista dos cristãos, quem atentar contra a vida e os direitos dos homens, de qualquer raça, de qualquer nação, de qualquer língua, julgar que atentou contra uma entidade desprezível! Ai de nós, se, só por nos dizerem que só se exterminaram judeus, nós folgamos com os factos e com a prudência da luta política! A maior maldição contra os depositários da Lei de Deus, e a maior maldição proferida pela boca dos profetas fiéis, era chamar àqueles conformistas 'cães mudos'. A maior força do mundo é uma consciência que se não cala, que protesta. Por isso, a primeira preocupação dos tiranos inteligentes é amordaçar a palavra, falada ou escrita» (p. 133). A tirania inteligente e a maior força do mundo, que é uma consciência que se não cala, que protesta, vieram a confirmar-se com o exílio do P.<sup>o</sup> Joaquim Alves Correia para os Estados Unidos, após a publica-

ção, no jornal *República* (23-10-1945), do famoso artigo com o título significativo: «O Mal e a Caramunha».

O P.<sup>o</sup> Joaquim Alves Correia fustigou implacavelmente a Riqueza, e de modo mordaz ridicularizou o Luxo que espezinha o pobre. «Esta mentalidade cristã é que é preciso restaurar na Igreja: criar uma ideia-força, que provoque nojo, positivo nojo, ao luxo, como a uma deformidade» (p. 128). «Chamemos as coisas pelo seu nome. Os esbanjamentos dos ricos são um crime; os dos ricos que se dizem cristãos acrescentam ao crime o seu quê de sacrilégio, de apostasia da divina Caridade e do Espírito que nos faz um. (...) «*Mammona iniquitatis!*» Dinheiro maldito!... Não é frase de comícios; é a expressão dos próprios lábios divinos, a tradução eloquente do próprio modo de ver de Deus, que não é discutível, e que seria autêntica profanação espiritual querer sofismar com uma casuística imbecil» (p. 132). «O capitalismo *bem-pensante*, às vezes religioso e devoto, que dá esmolas e subsidia creches e asilos, mas que reserva o lucro para automóveis e salões, deixando ao operário apenas um salário que apenas chega para não morrer de fome, não é sequer justo, quanto mais cristão! A 'miséria imerecida' do trabalhador, que não pode sustentar a família em nível de vida que sequer de longe se possa chamar humano e decente — com casa, asseio, repouso, tempo para educação e para vida do espírito —, é o escândalo, já muita vez denunciado, que faz perder fé aos pobres, aos naturais amigos de Cristo» (p. 119). Mas, previne o P.<sup>o</sup> Joaquim Alves Correia, «também há pobres soberbos». «Há pobres tão agarrados ao amor da riqueza como os piores aventos. Há miseráveis, que uivam contra o dinheiro, simplesmente porque ele lhes não caiu nas mãos. E se o acaso lho traz a elas, logo se amarram ao dinheiro com o mesmo domínio monopolista que aqueles ricos açambarcadores, que esfomeiam populações, ou então o esbanjam com uma prodigalidade perdulária e insolente, que só é diversa da dos milionários por durar um instante apenas» (p. 147).

Perante a «engrenagem monstruosa do Capitalismo moderno — o qual não é um *idealismo*, mas um *interesse* organizado» (p. 112), o P.<sup>o</sup> Joaquim Alves Correia não se contenta com denunciar. (A acção cristã) «não pode subsistir-se ao Estado, nem pode tolher o Estado nas organizações que ele tenta para assegurar o interesse do público, mas também não põe o selo da autoridade sobre as tentativas e manobras do Estado, nem manda aos cidadãos que desistam das suas organizações de classe e de defesa e que se entreguem ao Estado, ou

aos políticos, com ingénua fé e confiança» (p. 142). «A Igreja de Jesus prega deveres aos ricos; mas vai dizendo aos pobres que contem antes consigo próprios. (...) Os pequenos, na união que faz a força, querem defender os seus interesses; mas defendem também os do mundo; porque a Plutocracia feroz, ou é trazida à razão pela força ordeira ou reventará estrondosamente fulminada pela vingança dos miseráveis, levados ao desespero por um longo cativo e congregados entre si pela força maior que há no mundo depois do amor: o ódio, ódio cego à sociedade que sancionou dureza e injustiça» (p. 125). «No horizonte rugem prenúncios de procela. O conservantismo impotente julga que basta exorcizá-los, com imprecações e com denúncias de satanismo. Não! A procela irá crescendo, ao contrário, em potencial negro e condensado, até estalar em tempestade irreprimível, enquanto a Sociedade se não resolver a desistir dos privilégios de casta, de classe, de riqueza, para evitar a maldição de Deus, que se estampa, como um selo de morte, em tudo o que significar opressão dos pobres, exploração dos trabalhadores e impiedade para com os homens, filhos de Deus» (p. 147).

Porque o fundo do ser é Comunhão, porque a realidade primeira é Comunhão Trinitária, um projecto social com base neste pressuposto nada tem a ver nem com o atomismo individualista da concorrência feroz nem com o colectivismo imposto pela força e assente no mito do Ser Colectivo, da Razão colectiva, do homem como ser genérico, e que anula a liberdade transcendente da pessoa. O projecto social do P.<sup>o</sup> Joaquim Alves Correia certamente não andaria longe dum socialismo ético, através do cooperativismo. Ele privava com António Sérgio, o maior teórico, entre nós, do Cooperativismo e que via no projecto cooperativista a realização social do Evangelho e uma ideia de acordo com um *dever-se* racional. Por outro lado, o grupo «Metanoia», constituído por jovens universitários, «O Vespeiro Manso», como ele lhe chamava e se que era animador espiritual, que se reclamava também de António Sérgio, foi sempre entusiasta do Cooperativismo.

### O princípio da assimilação do Espírito

«A natureza é mãe das desigualdades; acima da natureza está o espírito, igualizador» (p. 103). É pelo espírito que o homem tem acesso ao humano. É pelo Espírito Santo que o homem entra no divino, isto é, no humano integral.

O Espírito deve ser interiorizado, assimilado, pelo silêncio, pela oração. Orar não é o pedir materialista, não é negociar com Deus, não é entrar no mundo da magia, como os sacramentos também não são «sacramentos-feitiços, acção mágica de ritos, objectos e fórmulas sagradas» (p. 197). Orar é «educar a alma no colóquio com o Pai, o que não é ensinar nada ao Pai, mas aprender do Pai o que a alma precisa de aprender» (p. 96). É entrar em comunhão consigo, com os outros, com Deus. «A oração, diz o P.<sup>o</sup> Joaquim Alves Correia, é uma elevação a Deus: uma conversa de espírito a Espírito» (p. 190).

Quem não refaz o puzzle interior, quem não se pacifica interiormente, quem vive no estrangeiro de si mesmo, anda disperso, em guerra consigo próprio. A violência é o suicídio exercido sobre os outros. Só que, está pacificado consigo mesmo é feliz, radicalmente livre, e, conseqüentemente, perigoso, subversivo, à maneira de Jesus Cristo. Mas, para entrar em comunhão consigo mesmo e, portanto com os outros, por irradiação explosiva, é necessário entrar em comunhão com o Espírito, que, do disperso, faz *um*. «Deus em nós, a Sua Ideia ou o Seu Verbo assimilado por nós, a Sua Vontade e o Seu Espírito de amor aceite por nós como o móbil da nossa vontade, Deus-Pai conhecido como Pai, a nossa integração em Deus consciente pela mentalidade filial que adoptamos, eis o nascimento novo, em que o homem velho se apaga com a sua obsessão de carnalidade egoísta, em que o homem novo se ergue com as generosidades luminosas e ardentes de irmão dos outros filhos do Senhor» (p. 186).

### O princípio do sim absoluto da esperança e da anulação da morte

Quem vive pelo Espírito vive em Deus que é Comunhão. Por isso, já entrou na Eternidade, porque o Amor é mais forte do que a morte.

Segundo a teoria do «Big-Bang», há uns treze mil milhões de anos algo explodiu. E começou a imensa aventura. A terra tem cinco mil milhões de anos. De nós à primeira molécula de ácido nucleico vão dois mil milhões e meio de anos. O processo de hominização durou cinco milhões de anos. Há quarenta ou cem mil anos aparecem os primeiros túmulos. Ora, no dizer dos paleo-antropólogos, os primeiros túmulos são o sinal definitivo da data do nascimento do homem: pela primeira vez está no tempo alguém que é consciente

do tempo, isto é, da morte e da sua recusa. Paradoxalmente, é a consciência da morte e do seu carácter insuportável que traça a fronteira entre os quarenta ou cem mil anos e os treze mil milhões de anos menos quarenta ou cem mil que nos precedem. Desde essa data, estiveram no tempo cem mil milhões de consciências irredutíveis, cem mil milhões de destinos pessoais, sob o olhar da morte, mas revoltando-se contra ela, porque insuportável. O que foi feito deles? O que será feito dos cerca de cinco mil milhões de destinos únicos, irrepetíveis, nossos contemporâneos, e dos de todos aqueles que virão depois de nós, porque, *a curto, a médio, a longo prazo, todos iremos estando mortos?*...

Se a pessoa humana enquanto consciência do tempo e da morte é simultaneamente consciência da sua recusa, é porque a consciência é irredutível ao tempo e habitada pela memória da Eternidade. Se o fundo do ser é Comunhão, se a pessoa humana, na sua irredutibilidade, é comunhão, isto é, se o sujeito é intersubjectivo, porque relacional, então é permitido esperar que a morte é apenas a passagem para a plenitude de intercomunhão na Comunhão divina e que a História é esse processo misterioso de criação e amadurecimento numa rede inesgotável de relações de interconsciências na, pela e para a Transconsciência divina comunional. No acontecimento de Jesus Cristo, o Crucificado-Ressuscitado, e no envio do Espírito Santo, é-nos dada a garantia de que é assim. Com o P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia, podemos clamar, unidos à Igreja primitiva: «E o Espírito e a Esposa ( Igreja, mãe das almas), ambos suspiram: Vem! E quem me ouve dirá: Vem! As almas sedentas, venham! Todas as boas vontades têm às ordens a água que refrigera; e de graça!... Vem, Senhor Jesus!» (p. 223).

### **Conclusão: Poder, Liberdade, Criatividade**

O título que me foi dado para desenvolver nesta Conferência dizia: «Actualidade do pensamento do P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia: Poder, Liberdade, Criatividade».

Depois do que ficou dito, talvez seja desnecessário sublinhar a actualidade do pensamento do P.<sup>e</sup> Joaquim Alves Correia. Como disse também D. António Ferreira Gomes, «é preciso devolver em eco reforçado essa voz, que em vários dos seus tons e harmónicos só agora pode ser conscientemente ouvida» (p. 1).

Quanto ao Poder, sabemos agora que a verdadeira possibilidade de mudança do nosso mundo só pode consistir na transformação do poder enquanto *Dominação* para poder apenas enquanto *Serviço*. O Deus cristão, Comunhão Trinitária, não tem poder no sentido de dominação. «Aparece Ele e diz assim: 'Os reis das gentes dominam sobre elas e os que são capazes de dominar são chamados beneméritos. Entre vós não será assim; mas o maior no vosso meio será o que for servo dos outros. Pois quem é maior, o que serve ou o que se senta à mesa? Não o que se senta à mesa? Pois aqui me tendes a mim no lugar de servente' (Lc. 22, 25). Os Apóstolos tiveram de entender à maneira de Jesus, à maneira divina, a sua função de chefes» (p. 39). Mesmo quando, no Credo, confessamos «Deus todo-poderoso», não é no sentido de domínio, mas de Serviço, de Graça, de Liberalidade, de Salvação.

Deus é Liberdade, Liberalidade, Gratuidade. Por isso, na lógica cristã, não há lugar para a opressão, para o totalitário.. Deus é Fundamento e Fonte de liberdade.

Mas também não há lugar para o arbitrário niilista, pois a liberdade cristã é criatividade para a Comunhão de Diferentes. É necessário acreditar no homem, *porque* Deus acredita nele. A Bíblia toda não é senão essa história da confiança fiel de Deus no homem. Apesar de o homem aparecer como aquele que não merece essa confiança. Deus, porém, «cuja causa é a causa do homem», não desanima. De tal maneira Deus acredita no homem que Ele mesmo se faz homem no homem Jesus Cristo. E aí está uma afirmação tão «impossível» e incrível que ela só é possível na força e na graça do Espírito Santo.

ANSELMO BORGES